

Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais

Claudete Bonatto Reichert

Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/Canoas-RS)

Adriana Wagner

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo conhecer a relação entre a autonomia dos jovens e o tipo de relação estabelecida entre pais e filhos durante a adolescência intermediária. Analisamos também, a relação existente entre os estilos disciplinares adotados pelos pais e as diferentes dimensões da autonomia desenvolvida pelos filhos. Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário que investigou dados biodemográficos, assim como uma escala de estilos parentais e um questionário de autonomia. Participaram do estudo 168 jovens, entre 14 e 15 anos, estudantes de uma escola particular da grande Porto Alegre. Os resultados apontaram que existe uma semelhança entre os estilos educativos adotados pelos pais, mais precisamente, os jovens percebem ambos os pais como negligentes e autorizantes. Não se evidenciou associação entre os estilos disciplinares adotados pelos pais e as diferentes dimensões de autonomia manifestada pelos jovens. De modo geral, os adolescentes percebem que a mãe é a figura mais presente no processo de educação. Dentre as dimensões avaliadas, a intrusividade materna foi a dimensão identificada pela menina como mais presente na relação que estabelecem, assim como o menino percebe o pai como mais responsivo.

Palavras-chave: Autonomia; adolescência; estilos parentais.

ABSTRACT

Autonomy in the adolescence and relationship with parental styles

This study aims at studying the relation between the autonomy with parents and the form of relation established between parents and children during the adolescence. We also intend to analyze the relation between the disciplinal styles adopted by parents and the different dimensions of the autonomy developed by the children. It was applied a questionnaire upon the collection of the data that investigated biological and demographic, data as well as a scale of parental styles and a questionnaire of autonomy. Students of a private school in Porto Alegre took part of the study, 168 youngsters, between 14 and 15 years old. The results pointed that there is a similarity between the educative styles adopted by parents. More precisely, youngsters think that parents are negligent and "authorizing". There was no association between the disciplinal styles adopted by parents and the different dimensions of autonomy shown by the youngsters. On the whole, the adolescents think that the mother is the most present figure in the process of education. Among the evaluated dimensions, the motherly intromission was the dimension identified by daughters as more present in the relation that they establish, the same way the son perceives the father the most responsible.

Keywords: Autonomy; adolescence; parental styles.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período do ciclo vital caracterizado pela eclosão de grandes transformações e grandes aquisições, tanto na esfera física como social, cognitiva e, particularmente, na definição da identidade e maior independização dos pais.

Em resposta a estas mudanças, alguns adolescentes podem chegar a adquirir autonomia de seus pais e passar a decidir e agir por si mesmos, enquanto outros podem apresentar problemas nesta capacidade de

autodeterminação. Sendo assim, a autonomia está longe de ser considerada um conceito unitário, já que inclui diversos componentes e pode ser discutida a partir de diversos enfoques teóricos (Fleming, 2005; Noom, Dekovic e Meeus, 2001; Oliva e Parra, 2001; Spear e Kulbok, 2004).

A revisão da literatura tem mostrado que, sob o enfoque evolutivo, o jovem para ingressar na vida adulta deve adquirir certas competências. O desenvolvimento destas competências estaria relacionado com os estilos educativos adotados pelos pais, sendo que

estes poderiam auxiliar ou dificultar seu desenvolvimento. Neste caso, uma das tarefas esperadas que os jovens adquiram na adolescência intermediária é o desenvolvimento da autonomia.

Desde uma perspectiva genérica, a autonomia pode ser definida como a condição para ser independente ou autogovernar-se (Spear e Kulbok, 2004). Na literatura especializada na área (Fleming, 2005; Steinberg e Silverberg, 1986), a autonomia está definida como a habilidade para pensar, sentir, tomar decisões e agir por conta própria. Nesse sentido, o desenvolvimento da independência é um componente crucial para adquirir autonomia. Porém, autonomia e independência não podem ser consideradas como sinônimos, na medida em que independência refere-se à capacidade dos jovens agirem por conta própria. Nesse caso, uma alta independência é realmente necessária para se tornar autônomo, contudo a autonomia é mais que ter comportamentos independentes. A autonomia também prevê pensamentos, sentimentos e tomadas de decisões que envolvem o próprio indivíduo ou outros membros da família, seus pares ou pessoas fora do ambiente familiar. Portanto, o desenvolvimento da autonomia é parte do processo e envolve transformações nas relações familiares.

O conceito de autonomia desde a perspectiva desenvolvimental, proposto por Spear e Kulbok (2004), indica que ela é um processo ativo, um fenômeno orientado que pode ser observado à luz de uma seqüência, que vai desde a dependência e progride em direção à autonomia. O desafio desse processo envolve o desejo de ser independente e, ao mesmo tempo, o de preservar a ligação com a família e a sociedade. Seu desenvolvimento sofre a influência de variáveis internas, tais como auto-estima, percepção do ambiente, relações com autoridade e desejo para a independência, assim como sofre influência de variáveis externas, tais como: estrutura familiar, comunicação familiar, presença ou ausência de controle e o ambiente emocional que envolve o indivíduo (Bronfenbrenner, 1996; Fuentes, 2001; Oliva e Parra, 2001).

Nessa mesma perspectiva, Noom (1999) define a autonomia como a habilidade para dirigir a própria vida, para definir metas, sentimentos de competência e habilidade para regular as próprias ações. Assim, Noom, Dekovic e Meeus (1999) identificaram três níveis de habilidades da autonomia que em muito têm auxiliado na compreensão desta temática. Tais níveis incluem a autonomia atitudinal, emocional e funcional.

A autonomia *atitudinal ou cognitiva* refere-se à percepção de metas pelo exame das oportunidades e desejos; considera os processos cognitivos de criar possibilidades de fazer suas próprias escolhas. Ela se

evidencia quando os jovens são hábeis para definir suas metas e pensar sobre seus atos.

Autonomia *funcional ou condutual* refere-se à percepção de estratégias pelo exame do auto-respeito e controle, capacidade de tomar decisões e tratar os próprios assuntos sem a ajuda dos pais. Consiste no processo regulador de desenvolvimento de estratégias para alcançar as próprias metas. É alcançada quando os adolescentes são hábeis para encontrar formas para atingir suas metas.

Já a autonomia *emocional* refere-se aos delicados processos de independência emocional dos pais e dos pares. Ela realmente ocorre quando o jovem sente confiança em definir suas metas, independente dos desejos dos pais ou dos pares.

No passado, a autonomia era vista como a consumação de um desejo desenvolvimental que focava a separação e afastamento da família. Hoje, a ênfase tem se deslocado em direção às metas para se manter vinculados, junto com a realização de algum nível de independência (Spear e Kulbok, 2004). Ainda que a literatura enfatize a necessidade dos adolescentes em desenvolver a autonomia e a independência, o ideal parece ser a dependência mútua, aqui entendida como a possibilidade do jovem conseguir agir por conta própria, ter comportamentos independentes, porém sem necessariamente afastar-se de sua família.

Em vista desta concepção, a educação de um filho adolescente supõe uma série de negociações, responsabilidades e dúvidas dos pais, que se sentem, na maioria das vezes, ameaçados e inseguros quanto aos papéis e ao tipo de autoridade a ser exercida (Predebom, 2005). Nesta perspectiva, os pais, ao pôr em prática o processo de socialização de seus filhos, fazem uso de diversas estratégias de acordo com seu estilo educativo.

Já na década de 70, Baumrind (1978) conceitualizou estilos parentais com base em uma tipologia que enfocava as práticas de educação familiar. Partia do pressuposto de que qualquer prática educacional depende de acordos realizados com outras pessoas. Alguns elementos educacionais, como calor humano, favorecer a maturidade, o envolvimento, a demanda e supervisão, influenciam na maneira da criança responder às influências parentais. Desta forma, identificou três modelos de autoridade parental: autoritário, autorizante e permissivo.

O estilo autorizante, tradução do termo original "authoritative", na definição de Baumrind (1971), pressupõe alto envolvimento e controle parental, limites e regras claras, garantia de autonomia e comunicação aberta entre pais e filhos. Neste, os pais estimulam a independência e a individualidade dos filhos e dão explicações sobre as regras estabelecidas na família.

Os pais se mostram como modelos, favorecendo ao filho captar a mensagem, interiorizando e utilizando-a quando necessário. Os pais utilizam o raciocínio, ensinam seus filhos a analisar as conseqüências de seus atos, promovendo, assim, valores de autodireção e valores pró-sociais. Neste caso, os filhos possuem um papel ativo na definição de sua conduta (Baumrind, 1971, 1978, 1991; Kochanska, Kuczynski e Radke-Yarrow, 1989).

No estilo autoritário, os pais dão ordens, fixam regras que não podem ser discutidas e impõem castigos severos. As mensagens são transmitidas de modo impositivo e, deste modo, é provável que o filho adote uma atitude de submissão, acatando, momentaneamente, os valores, mas sem haver uma interiorização. Os pais autoritários fomentam valores de conformidade e inibem valores de autodireção (Maccoby e Martin, 1983; Kochanska, Kuczynski e Radke-Yarrow, 1989).

Já no estilo permissivo evidenciam-se altos níveis de comunicação e afeto e baixos níveis de exigência e, conseqüentemente, pouca supervisão ao cumprimento das normas. Os pais tendem a se adaptar aos filhos procurando identificar e satisfazer suas necessidades e exigências.

Na década de 80, Maccoby e Martin (1983) redefiniram a tipologia proposta por Baumrind, categorizando as famílias de acordo com os diferentes níveis de demandas parentais (controle, supervisão e demandas de maturidade) e receptividade (calor, afeto, aceitação, envolvimento). Desta forma, a diferença do primeiro modelo e o atual está na diferenciação de dois tipos de pais permissivos: indulgentes e negligentes.

As famílias indulgentes, de acordo com essa nova categorização, apresentam alto envolvimento afetivo, e baixo monitoramento e controle parental. Normalmente, são pais tolerantes, que fazem poucas demandas de comportamento maduro, permitindo que os filhos se auto-regulem. Neste sentido, fomenta-se a autonomia e a independência (autodireção) e inibem-se valores pró-sociais (de solidariedade e justiça).

As famílias negligentes não são nem exigentes e nem responsivas. Estes pais não monitoram o comportamento de seus filhos e nem dão suporte para seus interesses. Os pais estão mais preocupados com seus próprios problemas e não engajados nas responsabilidades parentais.

Embora a autonomia seja um construto muito discutido na literatura científica (Allen, Hauser, Bell, e O'Connor, 1994, 2002; Fleming, 2005; García e Peralbo, 2001; Noom, Dekovic e Meeus, 1999/2001; Oliva e Parra, 2001; Steinberg, Lamborn, Dornbusch e Darling, 1992; Steinberg e Silverberg, 1986), nos meios de comunicação de massa (Revista Veja, jornal de circulação local), e abordado em diferentes esferas

da vida cotidiana (palestras em escolas, igrejas e clubes de serviço), percebe-se que tanto os pais como os estudiosos do assunto entendem a autonomia como sinônimo de independência. Como podemos identificar, independência refere-se à capacidade do jovem agir por conta própria. Já a autonomia prevê também a habilidade para pensar, sentir e tomar decisões independente dos desejos dos pais ou dos amigos. Fica claro que, para o jovem tornar-se autônomo, faz-se necessário um certo grau de independência, ainda que isso não signifique obrigatoriamente ser autônomo, já que o desenvolvimento da autonomia é interdependente do contexto no qual o indivíduo se desenvolve (Bronfenbrenner, 1996). Neste sentido, ainda que os pais continuem tendo um grande peso durante a adolescência, à medida que os meninos e as meninas vão adquirindo autonomia, eles passam mais tempo com o grupo de iguais que se convertem no contexto de socialização mais influente (Kulik, 2002).

Encontram-se também um grande número de investigações centradas nos estilos disciplinares adotados pelos pais durante a adolescência (Baumrind, 1978, 1989, 1991; Darling e Steinberg, 1993; Grigorenko e Stenberg, 2000; Pittman, Chase, e Lindsay, 2001; Smetana e Chuang, 2001). Porém, estes estudos dirigem-se predominantemente às sociedades norte-americanas que valorizam a autonomia e a independência.

Portanto, constata-se a existência de poucos estudos com a população brasileira que investigue as variáveis relacionadas à autonomia adolescente e os estilos disciplinares parentais. A partir destas constatações, este estudo torna-se relevante na medida em que se propõe a estudar um conjunto de variáveis presentes no processo de aquisição da autonomia adolescente, que inclui características dos pais, dos adolescentes e aspectos do contexto social.

MÉTODOS

Amostra

Participaram do estudo 168 jovens (89 meninos e 79 meninas) de 14 e 15 anos, estudantes da sétima e oitava séries do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio de uma escola particular da grande Porto Alegre. A seleção da amostra seguiu o critério de escolha por conveniência. O número de adolescentes foi estimado a partir do número total de alunos matriculados em escolas particulares de um município, de acordo com os resultados finais do Censo Escolar de 2002, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Quanto ao Nível Socioeconômico, foi utilizada a classificação de Hollingshead (1975), que considera o nível ocupacional e o nível de escolaridade de cada sujeito.

Instrumentos

O instrumento de pesquisa foi composto pelo Questionário Sociodemográfico, Escala de Estilos Parentais (Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch, 1991, adaptada e traduzida para a população brasileira por Costa, Teixeira e Gomes, 2002), e o Questionário de Autonomia (Noom, 1999, traduzido e adaptado para este estudo, 2005).

A escala de Estilos Parentais é formada por 36 itens distribuídos em três dimensões: doze itens relativos à exigência, dezoito itens relativos à responsividade e seis itens relativos à intrusividade parental (este último item não aparece na escala original, tendo sido criado por Bardagi em 2002).

O Questionário de Autonomia avalia os diferentes níveis de habilidade da autonomia percebidos pelos adolescentes, distribuídos em três diferentes escalas (atitudinal, emocional e funcional) cada uma delas composta por cinco itens.

Procedimentos

A aplicação foi realizada em sala de aula nos períodos previamente estipulados pela Orientadora Educacional da escola. O tempo médio da aplicação foi de 36 minutos.

RESULTADOS

Descrição da Amostra

Dos 168 jovens entrevistados, 75,6% vivem com ambos os pais biológicos, formando uma família nuclear. Daqueles que convivem em famílias monoparentais 66% vive com a mãe e 17% com o pai. Foram registrados ainda, 17% dos sujeitos que residiam com os avós ou os padrinhos. Quanto ao tempo de permanência com os pais, 30,45% dos jovens referem que passam a tarde e a noite com pelo menos um de seus progenitores e 30,45% referem que ficam somente à noite. Quanto aos fins de semana, referem que convivem em média (sem considerar as horas em que estão dormindo) vinte e cinco horas com a mãe e vinte e uma horas com o pai, representando conviverem durante todo o sábado e domingo com ambos.

Considerando as atividades laborais dos progenitores, estão trabalhando com contrato fixo 67,3% dos pais e 52,4% das mães, enquanto que 23,2% dos pais e 10,7% das mães estão trabalhando como autônomos. Não estão exercendo atividades remuneradas 28,0% das mães e apenas 0,6% dos pais. Quanto ao tipo de ocupação profissional dos progenitores, metade da amostra (50% dos pais e 48% das mães) foi classificada no nível 9, isto é, o nível mais alto onde se encontra as profissões que exige formação superior.

No que se refere ao nível de escolaridade, 31,5% dos pais foram classificados no nível 6, correspondente ao ensino superior, e 18,5% foram classificados no nível 7, correspondente ao ensino de pós-graduação. Resultados semelhantes foram encontrados com a mãe, na medida em que 29,2% possui curso superior completo e 19% possui pós-graduação ao nível de mestrado ou doutorado, pertencendo, igualmente, ao nível 6 e 7, respectivamente. Considerando estes parâmetros, portanto, os pais e mães dos sujeitos investigados pertencem ao nível socioeconômico alto, sendo que na maioria das famílias (63,7%) ambos os progenitores trabalham fora.

Estilos educativos percebidos

A fim de descrever os estilos educativos percebidos pelos jovens em suas famílias no exercício da função parental, avaliando separadamente seu pai e sua mãe, calculou-se as médias dos quatro estilos parentais e chegou-se a seguinte distribuição das respostas:

TABELA 1
Classificação do estilo parental da mãe e do pai.
Frequências e Porcentagens

Estilo	Classificação da mãe		Classificação do pai	
	N	%	N	%
Negligente	61	36,3	59	35,1
Autorizante	54	32,1	49	29,2
Indulgente	28	16,7	31	18,5
Autoritário	25	14,9	29	17,3
Total	168	100,0	168	100,0

Pode-se observar que o estilo negligente reúne o maior número das respostas dos sujeitos, seguido do estilo autorizante. Nesse caso, considerando as respostas do pai e da mãe, pode-se constatar que um grande número dos jovens percebe sua mãe (36,3%) e seu pai (35,1%) como sendo pouco responsivos e pouco exigentes na relação educativa que estabelecem com eles. O estilo autorizante, que alude uma interação afetiva e ao mesmo tempo de controle, aparece em segundo lugar de frequência das respostas tanto para o pai (29,2%) como para a mãe (32,1%). O estilo indulgente, que define uma relação de afeto com pouco controle, é o terceiro lugar na frequência das respostas na avaliação que fazem de seu pai (18,5%) quanto da sua mãe (16,7%). O estilo autoritário foi aquele que apresentou menor índice de respostas, reportando uma relação de pouco afeto com alto nível de exigência tanto do pai (17,3%) quanto da mãe (14,9%).

Buscando investigar o nível de concordância da avaliação que os jovens fazem do estilo adotado pelo

pai e pela mãe, utilizamos o Coeficiente de Kappa, conforme aparece na Tabela 2:

TABELA 2

Estilos percebidos do pai e da mãe. Coeficiente de Kappa.

Classificação da Mãe	Classificação do Pai				Total
	Autorizante	Autoritário	Negligente	Indulgente	
Autorizante	36	7	5	6	54
Autoritário	8	12	5	0	25
Negligente	4	6	42	9	61
Indulgente	1	4	7	16	28
Total	49	29	59	31	168

Coeficiente Kappa = 0,489 (moderado, de acordo com Landis e Koch, 1977).

O Coeficiente Kappa (0,489) de nível moderado indica que o jovem percebe certa coerência entre o exercício da parentalidade adotada pelo pai e pela mãe. Nesse caso, pode-se pensar num estilo educativo familiar que caracteriza o par parental com harmonia moderada no que se refere às atitudes educativas com seus filhos.

Estilos educativos e autonomia

Visando conhecer a percepção que os adolescentes possuem a respeito de seus diferentes níveis de autonomia, foram calculadas as médias das três subescalas de autonomia e chegou-se a distribuição das respostas conforme a Tabela 3.

TABELA 3
Estatísticas descritivas para subescalas de autonomia

	Mínimo	Mediana	Máximo	Média	Desvio-padrão
Autonomia atitudinal	0,00	2,60	4,80	2,60	0,89
Autonomia emocional	1,00	2,80	5,00	2,73	0,81
Autonomia funcional	0,80	3,20	5,00	3,19	0,79

Considerando os dados acima, podemos constatar que os jovens apresentam-se na média em termos dos três níveis de autonomia avaliada. Neste caso, corrobora-se a idéia de Spear e Kulbok (2004), que postulam que a adolescência é um período em que os sujeitos fazem movimentos alternados de dependência e autonomia da família.

Utilizamos a ANOVA a fim de compararmos as médias entre os diferentes níveis de autonomia manifestada pelos adolescentes e os estilos educativos adotados pelos pais. Avaliando a amostra total, observamos que não houve associação entre estilos educativos e autonomia. Frente a isso, optou-se em analisar separadamente a amostra de pai e mãe. Neste caso, considerando somente o pai, pode-se constatar que não existe relação entre os diferentes estilos disciplinares e os níveis de autonomia percebidos pelos adolescentes. Entretanto, considerando somente a mãe, obteve-se os resultados conforme a Tabela 4.

TABELA 4
ANOVA para comparação das médias conforme classificação da Mãe

	Classificação	N	Média	Desvio-padrão	F	Valor de p
Autonomia atitudinal	Autorizante	54	2,65	0,86	2,11	0,101
	Autoritário	25	2,64	0,86		
	Negligente	61	2,40	0,85		
	Indulgente	28	2,88	0,97		
	Total	168	2,60	0,89		
Autonomia emocional	Autorizante	54	2,59	0,88	1,94	0,126
	Autoritário	25	2,54	0,55		
	Negligente	61	2,89	0,84		
	Indulgente	28	2,81	0,73		
	Total	168	2,73	0,81		
Autonomia funcional	Autorizante	54	3,34	0,81	2,94*	0,035
	Autoritário	25	2,94	0,76		
	Negligente	61	3,05	0,78		
	Indulgente	28	3,41	0,69		
	Total	168	3,19	0,79		

* Pelo menos um par de grupos difere ao nível de 5%.

Na Tabela 4, pode-se observar as associações entre autonomia funcional e os estilos da mãe ($f = 2,94$; $p = 0,035$), sendo que a autonomia atitudinal e emocional não se associam a nenhum estilo parental investigado.

A fim de conhecer o tipo de interação entre autonomia funcional e estilos da mãe, foi utilizado o teste de complementação de Duncam, cujo resultado indicou que quando as mães são autoritárias, as médias de autonomia funcional são significativamente inferiores (2,9440) se comparadas às mães de estilo indulgente (3,4071) e autorizante (3,3497). Isto significa que, segundo a percepção dos adolescentes, quando as mães se mostram controladoras de seus comportamentos, sem disponibilizar afeto, os jovens demonstram mais dificuldade em encontrar formas para realizar suas metas.

Estilos educativos e dimensões: exigência, responsividade e intrusividade

Quanto aos diferentes níveis de demanda e de receptividade parentais, considerando as dimensões exigência, responsividade e intrusividade de ambos os pais, podemos verificar que existe diferença significativa entre a mãe e o pai na avaliação dos adolescentes. A média das mães é significativamente maior que a dos pais em todas as dimensões (exigência: mãe = 2,92 e pai = 2,73, $p = 0,003$; responsividade: mãe = 3,09 e pai = 2,72, $p = 0,000$; intrusividade: mãe = 1,65 e pai = 1,47, $p = 0,006$).

Procuramos também investigar a percepção do filho e da filha, separadamente, quanto a variável exigência, intrusividade e responsividade. Verificamos que os progenitores têm o mesmo nível de exigência tanto para os filhos do sexo masculino como para os do sexo feminino. Entretanto, a intrusividade da mãe é significativamente maior com a filha do que com o filho (feminino = 1,842 e masculino = 1,478, $t = -2,29$, $p = 0,023$), ou seja, de acordo com a percepção dos filhos a mãe tende a dar palpite, criticar, mexer, intrometer-se nos assuntos da filha, mais que do filho. De outra maneira, percebem que a responsividade do pai é maior com o filho (masculino = 2,869, feminino = 2,542, $t = 2,12$ e $p = 0,036$) ou seja, percebem que o pai se mostra mais disponível ao filho homem do que a filha mulher.

Resultados semelhantes foram encontrados em um trabalho realizado por Pacheco (2004) na Capital Gaúcha, com jovens de escolas públicas de 12 a 18 anos. Neste, as mães foram percebidas como mais exigentes, mais responsivas e mais intrusivas que os pais, e os adolescentes tendem a descrever suas mães mais envolvidas com sua educação e seu cuidado do que os pais.

DISCUSSÃO

Em tempos de tantas polêmicas a respeito da educação dos filhos adolescentes, neste trabalho, pode-se observar que o par parental na percepção de seus filhos é avaliado como uma dupla que se utiliza de estratégias educativas semelhantes. Ambos os pais são percebidos pelos jovens exercendo a sua função parental com bons índices de concordância entre o casal, ainda que outras investigações tenham enfatizado as dificuldades e incoerências do subsistema parental (Predebon, 2005). Neste caso, este é um aspecto bastante promissor no que se refere à necessidade da referência e consistência familiar que o adolescente tem nesse período da vida.

Na avaliação dos estilos parentais, os dados revelaram que a maioria dos jovens entrevistados percebe seus progenitores como negligentes, isto é, pouco envolvidos com eles, sem a preocupação de estabelecer algum tipo de controle sobre seus comportamentos. É curioso observar, entretanto, que a menor parte da amostra (12%) avalia seus pais como autoritários, sendo pessoas que controlam o comportamento de seus filhos, dispensando pouco afeto. Neste caso, os dados nos remetem a pensar que os jovens denunciam problemas com o controle parental. Se por um lado, a maior parte dos pais não exerce nenhum controle de seus filhos, por outro, são muito poucos os que o exercem de forma prioritária e contundente. Frente a isso, pode-se perguntar, então, o quanto este é um contexto familiar favorecedor do desenvolvimento da autonomia de seus filhos, já que este é um processo que implica necessariamente o monitoramento e controle parental (Spear e Kulbok, 2004).

Parece que a dimensão do afeto tem tomado espaço sobremaneira das relações entre pais e filhos, provavelmente por uma leitura equivocada feita nos anos 70 das inovações educativas que apareceram nesse cenário, as quais preconizavam a importância desta dimensão em detrimento de uma educação mais monitorada e controlada. Desde então, controlar e monitorar os filhos passou a ser uma prática refutada entre as famílias que buscavam melhor qualidade na relação parental. Provavelmente, o fato de ambos os pais trabalharem fora (63,7%) e estarem menos disponíveis para seus filhos (30,45% ficam somente à noite e 30,45% passam a tarde e a noite com pelo menos um dos progenitores) tem contribuído no enfraquecimento do exercício da função parental. Entretanto, um terço dos entrevistados reportaram ter pais autorizantes, os quais dispensam afeto conjugado com controle e exigência. Nesse caso, podemos pensar que a disponibilidade dos pais não é a única variável explicativa de uma educação com bons níveis de afeto e controle.

Outras variáveis, provavelmente, estão presentes na explicação da complexidade desse fenômeno (Bronfenbrenner, 1996).

Não encontrou-se associação entre os estilos educativos adotados pelo pai com os diferentes níveis de autonomia manifestada pelos adolescentes. Porém, o mesmo não ocorre em relação à mãe, pois na medida em que ela se mostra controladora, sem disponibilizar afeto, os jovens demonstram mais dificuldade em encontrar formas para realizar suas metas. Portanto, neste caso, o estilo materno autoritário tende a inibir o desenvolvimento da autonomia funcional.

Outro dado que revela o contexto em que o jovem se desenvolve, diz respeito às dimensões exigência, responsividade e intrusividade, na medida em que a mãe apresenta uma diferença significativamente maior em todas as três dimensões, comparativamente ao pai, ou seja, as mães ainda seguem sendo a responsável pela educação dos filhos, ela se envolve, cobra e se intromete mais na vida de seus filhos do que o pai.

Este resultado corrobora um papel historicamente desempenhado pela mãe que tem sido a maior responsável pelo cuidado e educação dos filhos e também pelo bem-estar da família, enquanto que ao pai cabem as funções de sustento familiar (McGoldrick, 1995; Falcke, 2003; Pacheco, 2004).

Percebe-se, portanto, assim como tem sido constantemente observado em outros estudos, que a mãe é identificada pelo adolescente como figura mais próxima e marcante que o pai. É com a mãe que tanto o filho como a filha estabelece contatos mais íntimos e prolongados, sendo que as meninas, mais do que os meninos, percebem suas mães como mais intrusivas, mexendo em suas coisas, dando palpites em suas vidas, intrometendo-se em assuntos particulares.

Ainda em relação às diferenças de sexo, o menino percebe o pai mais responsivo do que a filha mulher. O menino percebe que o pai procura conversar, entender e incentivar mais seus atos do que as meninas.

Os resultados da pesquisa nos remetem a pensar no que tem influenciado o jovem em seu movimento de se manter vinculado aos pais e, ao mesmo tempo, a buscar sua autonomia. Estudos anteriormente realizados (Garcia e Peralbo, 2000) apontam que é ao redor dos 14/15 anos que inicia o processo de desenvolvimento da autonomia. Já em nossa amostra não se evidenciou um claro desejo em adquirir tal habilidade neste período. Percebe-se, sim, que os jovens possuem suas próprias metas, sabem o que fazer para realizá-las e, ao mesmo tempo, procuram compartilhá-las com seus pais; valorizando assim a coesão familiar e o contexto em que ele se desenvolve, o que vem a corroborar o contexto destas famílias de nível socioeconômico alto.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultado do presente estudo sugere que, ainda que a mãe não permaneça um número de horas maior do que o pai junto aos filhos, ela continua sendo a pessoa que se encarrega, mais do que o pai, da educação do filho. Ainda que a mãe não tenha um tempo maior do que o pai com os filhos, ela segue sendo a pessoa que estabelece maior vínculo de intimidade, chegando a relacionar-se, por vezes, com intrusividade na relação que estabelece com os filhos. Neste caso, não é a variável tempo de permanência junto com os filhos que define os vínculos que se estabelece na família contemporânea.

Os filhos percebem ambos os pais como possuidores de estilos educativos semelhantes. Esta coerência na maneira de educar os filhos pode ser um fator de proteção no desenvolvimento dos jovens, pelo menos, quanto ao desempenho acadêmico. Considerando a faixa etária e o nível de escolaridade alcançado pelos integrantes da amostra, espera-se que alunos de 14/15 anos estejam cursando a oitava série do ensino fundamental e primeira série do ensino médio, o que realmente se evidenciou no presente estudo, confirmando assim, o bom desempenho escolar.

Além da coerência na maneira de educar os filhos, outro fator que pode estar contribuindo para o sucesso acadêmico é o alto nível educacional dos pais. Na medida em que a educação parece ser um valor importante em famílias de nível socioeconômico médio e alto (Wagner, Sarriera e Boeckel, 2006).

As dimensões mais presentes, identificadas pelo jovem no momento em que estabelecem relações com seus pais, são a responsividade e o afeto. No oposto, denunciam a falta de controle dos seus pais sobre seus atos. Neste sentido, os pais estão respondendo a idéia de negação de padrões que priorizavam o controle e a autoridade.

Partindo do princípio que a autonomia é a habilidade para dirigir a própria vida, para definir metas, os sentimentos de competência e habilidade para regular as próprias ações e que este construto sofre a influência das práticas educativas adotadas pelos pais, é imprescindível que se conheça a percepção de ambos, pais e filhos, para poder se compreender melhor este processo. Neste sentido, apontamos aqui um aspecto que deve ser objeto de futuras pesquisas. Não podemos esquecer que a intenção de agir nem sempre se manifesta de maneira concreta, portanto devemos conhecer também qual a percepção dos pais a respeito de suas práticas educativas e ver se estas estão se manifestando de maneira coerente com suas intenções de agir e se os jovens estão percebendo tais intenções da maneira que os pais estão tentando manifestar.

REFERÊNCIAS

- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Longitudinal Assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child development*, 65, 1, 179-194.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L. & O'Connor, T. G. (2002). Prediction of peer-rated adult hostility from autonomy struggles in adolescent – family interactions. *Development and Psychopathology*, 14, 1, 123-137.
- Bardagi M. P. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. [Dissertação de Mestrado, não-publicada], Curso de Pós-Graduação em Psicologia, UFRGS. Porto Alegre.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monograph*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth and Society*, 9, 2, 239-276.
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In: W. Damon (Ed.). *Child Development Today and Tomorrow* (pp. 349-378). San Francisco: Jossey-Bass.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Buchalla, A.P. (2005). Mais autonomia. *Revista Veja*, 1934, 7-9. Editora Abril (1.186.062 exemplares).
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 13, 3, 465-473.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an interactive model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal*. [Tese de Doutorado], Faculdade de Psicologia da PUCRS, Porto Alegre.
- Fleming, M. (2005). Adolescent autonomy: Desire, achievement and disobeying pares between early and late adolescence. *Australian Journal of Education and Developmental Psychology*, 5, 1-16.
- Fuentes, M. J. (2001). Los grupos, las interacciones entre compañeros y las relaciones de amistad en la infancia y adolescencia (2001). In: López, F.; Etxebarria, I.; Fuentes, M. J., & Ortiz, M. J. (Coord). *Desarrollo afectivo y social*. Madrid: Pirâmide.
- García, M., & Peralbo, M. (2000). Cultura, aculturación y percepción de las relaciones familiares. *Infancia y Aprendizaje*, 89, 81-101.
- García, M., & Peralbo, M. (2001). La adquisición de autonomía conductual durante la adolescencia: expectativas de padres e hijos. *Infancia y Aprendizaje*, 24, 2, 165-180.
- Grigorenko, E. L., & Stenberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3, 1, 93-112.
- Hollingshead, A.B. (1975). *Four factor index of social status*. Department of Sociology, Yale University, unpublished working paper.
- Kochanska, G.; Kuczynski, L. & Radke-Yarrow, M. (1989). Correspondence between mothers' self-reported and observed child-rearing practices. *Child Development*, 60, 1, 56-63.
- Kulik, L. (2002). The impact or social background on gender-role ideology: Parent's versus children's attitudes. *Journal of Family Issues*, 23, 1, 53-73.
- Landis, J. R., Koch, G.G. (1977). The measurement of observer Agreement for Categorical Data. *Biometrics*, 33, 159-174.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington & P. H. Mussen (Eds.). *Handbook of child psychology* (vol. 4: Socialization, personality and social development) (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Mc Goldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar. In E. Carter, M. McGoldrick et al. *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 30-64). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Noom, M. J., Dekovic, M., Meeus, W. H. J. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword?. *Journal of Adolescence*, 22, 6, 771-783.
- Noom, M. J. (1999). Adolescent autonomy: Characteristics and correlates. In Noom, M. J., Dekovic, M., Meeus, W. H. J. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword?. *Journal of Adolescence*, 22, 6, 771-783.
- Noom, M. J., Dekovic, M., Meeus, W. H. J. (2001). Conceptual analysis and measurement of adolescent autonomy. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 5, 577-595.
- Oliva, A., & Parra, A. (2001). Autonomía emocional durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 24, 2, 181-196.
- Pacheco, J. T. B. (2004). *A construção do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais: uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais*. [Tese de Doutorado], Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Predebon, J. C. (2005). *Variáveis preditoras dos problemas de comportamento na adolescência*. [Tese de Doutorado], Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pittman, L. D., Chase, L., & Lindsay, P. (2001). African american adolescents girls in impoverished communities: Parenting style and adolescent outcomes. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 2, 199-224.
- Smetana, J., & Chuang, S. (2001). Middle-class African american parent's conception of parenting in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 2, 177-198.
- Spear, H. J.; Kulbok, P. (2004). Autonomy and adolescence: A concept analysis. *Public Health Nursing*, 60, 2, 144-152.
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Development*, 57, 841-851.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.
- Wagner, A., Sarriera, J. C., & Boeckel, M. G. (2006). Estratégias educativas familiares: reflexões a partir de la teoria ecológica contextual. *Cuadernos de Terapia Familiar: II época*, XIX, 61, 195-206.

Recebido em: 22/10/2007. Aceito em: 22/12/2007.

Autoras:

Claudete Bonatto Reichert – Psicóloga Perita do Estado do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade Luterana do Brasil.
Adriana Wagner – Psicóloga. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

CLAUDETE BONATTO REICHERT
Rua José Maurício, 70/204
Cep 92120-230, Canoas, RS, Brasil
Fone: (51) 3475-2039
E-mail: cbonatto@terra.com.br